

## **AS CEBs NA AMAZÔNIA: BREVE ENSAIO À LUZ DO OLHAR SOCIOLÓGICO E RELIGIOSO NO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES DE BASE EM SANTARÉM-PA**

*José Lima de Alencar<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O objetivo desta temática é analisar as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na Amazônia, especificamente no município de Santarém do Pará, à luz do olhar sociológico e religioso no que tange ao processo de organização e atuação deste movimento eclesial popular na referida região. Santarém intermedia as duas maiores capitais da Amazônia, Belém e Manaus, é conhecida como a “Pérola do Tapajós”, situada no Oeste do Pará, região do Baixo Amazonas, com grande influência socioeconômica para as cidades vizinhas, sobretudo, no extrativismo vegetal e mineral, agropecuária, pesca e agricultura de subsistência. Tem se destacado como grande produtora de grãos de soja, com gravíssimos desmatamentos e degradação ambiental para a população local e da região. Nela se localiza a sede diocesana, composta por sete municípios e contam com o trabalho de muitas lideranças engajadas nas diversas pastorais e comunidades de base. Ao longo da trajetória das CEBs em Santarém, verifica-se o papel significativo na busca de melhores condições de vida para a população, servindo de instrumento e articulação política e social, tendo como período de efervescência as décadas de 1970 e 80, servindo de releitura à organização e atuação nas décadas seguintes, porém, de forma ressignificada mediante o mundo globalizado, político e socialmente capitalista, além de um contexto eclesial católico romanizado cada vez mais fechado. Elas caracterizam-se como “o novo jeito de ser igreja”, proposto pela Teologia da Libertação, visando tomada de consciência política e social, solidariedade no exercício do bem comum e participação democrática diante a realidade vivenciada pelos comunitários.

**Palavras-chave:** CEBs; Amazônia; Ciências Sociais; Ciências da Religião.

### **Introdução**

A temática “As CEBs na Amazônia: breve ensaio à luz do olhar sociológico e religioso no processo de organização das comunidades de base em Santarém-PA” é parte de uma pesquisa desenvolvida para composição de dissertação de mestrado em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Visa mostrar a importância que as Comunidades Eclesiais de Base tiveram na Amazônia, especificamente em Santarém do Pará, tecendo uma interligação entre conhecimentos do campo sociológico e religioso, de modo a analisar se a atuação destas comunidades naquele município ainda expressa no contexto atual o

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará – UEPA (2014-2015). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Pará – FAPESPA. Especialização em Filosofia da Educação pela UFPA; Licenciatura em Ciências Sociais pela ULBRA e em Filosofia pela FPA. E-mail: limatabocal@yahoo.com.br.

comprometimento às questões políticas e sociais aos moldes do seu surgimento ou se resignificaram, voltando-se para uma atuação mais de caráter pastoral catequético, segundo as exigências eclesiais e da sociedade contemporânea.

A trajetória das CEBs em Santarém está amplamente fundamentada ao contexto histórico e religioso de renovação de Igreja, que se deu, teoricamente a partir do Vaticano II (1962-1965) e das Conferências Episcopais Latino-Americanas Medellín (1968) e Puebla (1979), período em que a Igreja Católica através da Teologia da Libertação buscou dar um novo rosto para a Igreja, a partir da realidade do pobre e excluído. A estes acontecimentos se justificam em nível de Amazônia o denominado *Encontro de Santarém*, ocorrido em 1972, cujos objetivos buscavam fazer valer um rosto próprio de Igreja, ou seja, a partir da e para a realidade amazônica.

As primeiras experiências de CEBs em Santarém começaram em 1971, em torno dos chamados grupos de vizinhos que se encontravam semanalmente para refletir a realidade tendo como referência a leitura da Bíblia. Não se podem precisar especificamente quantas CEBs há em toda a Diocese. No entanto, é inegável afirmar que tenha sido um grande celeiro, solo fértil para o processo de organização e atuação destas comunidades, pelo que se verificou na Paróquia Cristo Libertador, se alimentam das experiências das CEBs, umas com maior outras com menor fervor, umas mais atuantes socialmente, outras voltadas apenas para o aspecto pastoral e catequético.

O critério metodológico foi em torno do aspecto histórico documental numa abordagem qualitativa, a partir dos dados coletados na pesquisa de campo por meio de entrevistas e do referencial teórico bibliográfico. Ou seja, a partir dos dados levantados na memória histórica daquele período, foi verificado se as CEBs ainda expressam vias de mudanças sociais para a sociedade santarena ou se foi uma mudança que já tomou seu termo.

Primeiramente, a discussão se deu em torno do contexto amazônico, mostrando brevemente os aspectos políticos e sociais, bem como a atuação da Igreja Católica no cenário amazônico. Em seguida, contextualiza a cidade de Santarém, “a Pérola do Tapajós”, valendo-se do contexto do município e da Diocese local. Depois percorre pela caminhada das CEBs em Santarém, buscando compreender a experiência destas comunidades. E, por último, analisa, especificamente, a experiência das Comunidades Eclesiais de Base da Paróquia Cristo Libertador, mostrando sua efervescência, seus avanços e desafios no contexto atual.

## **O Contexto Amazônico**

O contexto amazônico, onde se insere o município de Santarém, além das riquezas além da biodiversidade natural, se dá em torno das mais variáveis manifestações religiosas e expressões culturais populares da região. Por outro lado, mesmo com os ambiciosos projetos implantados na Amazônia, a partir da segunda metade do século XX, verifica-se que ainda se trata de uma região desassistida e pouco valorizada pelo contexto nacional, nos aspectos políticos, sociais, econômicos, educacionais, entre outros.

A esse respeito, Costa (2008, p. 26) afirma que:

A Amazônia continua ainda uma região separada do todo nacional. Porém, com a incorporação de conceitos como biodiversidade, desenvolvimento sustentável e, mais recentemente, com as discussões em relação à escassez da água, a Amazônia se transformou em lugar disponível e indispensável para a solução dos problemas do planeta, uma espécie de “salvadora da pátria”.

A esta afirmativa pode-se analisar que a Amazônia faz parte de um cenário em que as pretensões externas estão muito mais preocupadas com o tirar proveito das riquezas naturais nela existentes do que sua preservação propriamente dita, levando-se em consideração a realidade e as necessidades da população local na esfera urbana, rural, ribeirinha, indígena etc. Ou seja, em se tratando de Amazônia, parece que todo *mundo* se habilita em sua devastação e destruição sem ao menos se questionar, afinal, o que será da Amazônia amanhã, mediante os sérios desafios sócio-ambientais?

Vale ressaltar que vários estudiosos da Amazônia, entre eles a geógrafa Bertha K. Becker (1998; 2005) e a socióloga Violeta Refkalefsky Loureiro (2002) já apontavam muito antes em suas críticas os sérios problemas em decorrência da exploração e destruição da referida região. Em sua publicação “Amazônia”, entre as diversas reflexões levantadas, Becker vai questionar a visão estratégica do governo federal que tende em repassar e implantar uma ideia integral homogeneizadora ao contexto amazônico. Segundo a autora,

A Amazônia nunca foi homogênea, e hoje, submetida a um rápido processo de destruição/cosntrução, também se fragmenta em unidades sub-regionais constituídas por novas sociedades locais. Essa diferenciação é resultado da ação do Estado e da iniciativa e do confronto dos diferentes grupos sociais, isto é, da prática social (BECKER, 1998, p. 96).

Visto por este lado, não é difícil de perceber que a nova regionalização em torno da Amazônia configura-se como estratégia do governo federal, em acordo com o potencial de grupos políticos e empresariais local, que tendem cada vez mais a impor seu poder de

barganha sobre toda a região. Em “Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re) construir”, Loureiro (2002, p. 107) sinaliza para o seguinte aspecto:

A história da região tem sido, da chegada dos primeiros europeus à Amazônia até os dias atuais, uma trajetória de perdas e danos. [...] a Amazônia foi sempre mais rentável e, por isso, mais útil economicamente à Metrópole no passado e hoje à Federação, do que elas o tem sido para a região.

Em meio ao contexto político e social da Amazônia também se insere a presença religiosa, representada pelos vários segmentos religiosos e eclesiais, assim como pela religiosidade popular manifestada na presença dos povos sejam nos grandes centros das cidades ou na periferia sejam na zona rural, áreas ribeirinha, indígenas, entre outras.

Segundo Eduardo Hoornaert, a Amazônia servira de cobiça aos europeus desde aproximadamente o ano de 1540, e se insere, aos olhos do capitalismo, como “um mito grandioso de descobertas [...], sobretudo, o descobrimento do ouro. [...] o misto de devoção e ambição, de culto a Cristo e culto ao bezerro de ouro está na origem da empresa colonial na Amazônia” (HOORNAERT, 1992, p. 50).

Por esta razão, pode-se compreender que a ação missionária nesta região fora uma estratégia aos moldes das pretensões do próprio governo português, que comungava a ideia de que “O dono da região é igualmente dono da religião nela praticada” (Ibidem), a fim de que não houvesse desmembramento entre colônia e metrópole. Assim, corroborando com esta visão, Possidônio da Mata<sup>2</sup> discute a relação da Igreja Católica ao contexto atual amazônico. Para este autor, “A igreja na Amazônia é vista a partir do contexto regional, principalmente da situação de penúria do amazônida, envolvido pelo processo de exploração da borracha com todas as suas consequências” (MATA, 1992, p. 341).

Além deste contexto, analisa-se que a partir da década de 1960, por meio da “Operação Amazônia”, ambiciosos projetos foram instalados, com a ilusória ideia de *integração* da Amazônia ao restante do Brasil, dentre os quais se destacam: “Jari, Trombetas, Carajás, Albrás-Alunorte, hidrelétricas em Curuá-Uma, Tucuruí, Balbina entre outras; a estrada Transamazônica e a Cuiabá-Santarém” (Ibidem, p. 357), afirmando assim um desordenado crescimento e desenvolvimento, em detrimento do abandono e miséria para a maioria da população.

É neste cenário de *desenvolvimento* amazônico que se destaca a preocupação social da Igreja, buscando se estruturar na organização, com destaque, sobretudo, ao aspecto missionário e na criação de prelazias e dioceses, contando com a presença considerável de missionários religiosos, na sua maioria estrangeira.

Mata (1992, p. 363) considera ainda que, após o Vaticano II “houve um impulso renovador dos bispos da região. [...] se propõem numa postura de responsabilidade e participação diante da situação de insalubridade em que vive a população”. E como destaque desta atuação, considera-se que a partir do *Encontro de Santarém*<sup>3</sup>, a atuação dos bispos na Amazônia começa a “questionar as limitações e os perigos que os grandes projetos representavam para o homem da Amazônia”, causando-lhe marginalização social e privação dos direitos básicos, a exemplo da posse da terra.

### **Nasce uma “Pérola” no Tapajós**

Em meio à diversidade de contextos que caracterizam a Amazônia, está localizada a cidade de Santarém, uma das mais antigas da região amazônica, fundada em 22 de junho de 1661, considerada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a terceira cidade mais populosa do Estado do Pará e a sétima da Região Norte com 290.521 habitantes (IBGE, 2014). Conhecida como a “Pérola do Tapajós”, Santarém fica na confluência do admirável encontro das águas dos rios Tapajós e Amazonas.

O nome *Santarém* reporta-se de algumas versões tradicionais. As mais conhecidas remete-se a uma homenagem herdada pelos invasores lusos à cidade portuguesa de mesmo nome e a outra uma atribuição a uma mártir cristã, também de Portugal, de nome *Santa Irene*. De uma forma ou de outra, o que implica em questão é sua influência caracterizada como experiência cultural, social e religiosa, especificamente com rosto de Amazônia.

A cidade fica no Oeste do Pará, região do Baixo Amazonas<sup>4</sup>, há cerca de 800 km em linha reta da capital paraense, possuindo uma área territorial de 22.887,08 km<sup>2</sup> de extensão, intermediando as duas maiores cidades da Amazônia: Belém e Manaus, com imensa riqueza natural, com belas praias e expressivas manifestações folclóricas; além da questão socio-econômica, voltada para a extração vegetal e mineral, agropecuária, pesca, setor comercial e agricultura, focada ultimamente no plantio de soja, que é transportada totalmente para fora da região, causando gravíssimos impactos e degradação ambiental, em consequência do desenfreado e irresponsável desmatamento.

Em Santarém, fica a sede diocesana, composta, segundo Ribeiro (2012, p. 17) por uma área de 171.906 km<sup>2</sup>, abrangendo sete municípios, contando com o trabalho de lideranças nas diversas pastorais, comunidades de base, grupos de serviços sociais e movimentos paroquiais. Toda a região de Santarém contou com a predominante influência missionária dos jesuítas, no início, e dos franciscanos, posteriormente. Neste sentido, merece destaque a atuação franciscana desde o início do século XX, quando levava a categoria de Prelazia ao longo de 75

anos (1904-1979), e, posteriormente, em 1979, quando fora elevado à categoria de Diocese pelo Papa João Paulo II.

Conforme o livro do centenário da Diocese (2003), os bispos nomeados à frente da prelazia e posteriormente da cúria diocesana foram quase todos pertencentes à Ordem Franciscana, desde o segundo prelado, D. Amando Bahlmann (1907-1939) até D. Tiago Ryan (1958-1985). Posteriormente, assumiram outros bispos diocesanos, com destaque para D. Lino Vombommel (1985-2007) e D. Flávio Giovenale, bispo atual à frente do trabalho diocesano desde 2012.

Ao que concerne especificamente à religião em Santarém, conforme o censo do IBGE (2010) verifica-se que há em números uma predominância católica com 200.771 adeptos do catolicismo, representando um percentual de 68,16% da população santarena, ficando em segundo lugar as “religiões evangélicas”, com 74.899 adeptos, um percentual de 25,43% da população.

Atualmente o trabalho pastoral na diocese conta com a colaboração e atuação de muitas lideranças leigas engajadas nas diversas pastorais, grupos de serviços sociais e movimentos paroquiais. A sede diocesana apresenta a seguinte organização:

A Diocese de Santarém está organizada em 10 Regiões Pastorais, dentre as quais quatro na cidade de Santarém e as outras seis nos outros municípios da Diocese e na zona rural. Dada à extensão geográfica da Diocese, a Rádio de Educação Rural, pertencente à Diocese em 1964, tem sido importante meio de comunicação a serviço da evangelização, considerada como a maior “paróquia” de Santarém (RIBEIRO, 2012, p. 31-32).

É a partir deste contexto acima mencionado que a experiência das CEBs enquanto movimento eclesial popular se relaciona, principalmente pela sua atuação que parte de um viés religioso, para um processo de mudanças políticas e sociais da realidade a que estão inseridas.

### **A Caminhada das CEBs em Santarém**

A caminhada das CEBs em Santarém se confunde com o rosto amazônico, expressos na sua organização e lutas sociais por melhores condições de vida e dignidade. Sua importância nos solos amazônicos se expressa nos seguintes termos:

As CEBs são originárias de nossa região. Têm seu umbigo e seu coração enterrados nestas terras. [...] cremos que uma paróquia ou diocese que queira enfrentar a realidade urbana com todas as suas mazelas não pode abrir mão de um instrumento que é nosso e que já deu mostras de ser a solução para penetrar no tecido social e ajudar na solução de muitos problemas (MATA, 2005, p. 49).

A partir desta compreensão originária das CEBs, pode-se afirmar que em Santarém foram de grande relevância a começar pela sua própria história de luta atuante no âmbito social desde o seu surgimento, fortemente marcado pelo autoritarismo e pela ditadura militar, saindo do comodismo eclesial para buscar nas bases populares o sentido da sua existência, questionando as estruturas sociais, políticas e econômicas daquela época, em vista de uma sociedade democrática e participativa.

Elas se apresentam com um importante papel para superação de muitos problemas porque conforme se analisou num contexto impregnado por forças ideológicas de uma política *desenvolvimentista*, exploradora e excludente, se tornam cada vez maiores os desafios para superação dos problemas, inclusive o próprio ato de fazer pesquisa no espaço amazônico, que, segundo o antropólogo Raymundo Heraldo Maués (2010), não é nada fácil.

Contudo, as CEBs demonstram-se presentes diversas localidades da região, principalmente ao período que se propagou a partir da segunda metade do século XX, manifestando-se como “um importante elemento de resistência à ditadura militar brasileira, embora, evidentemente, suas funções não se esgotassem só nisso” (MAUÉS, 2010, p. 13).

É claro que depois de meio século de existência das CEBs, hoje aparentemente vistas “fora de moda”, sem prestígio para uns e fracassadas para outros. No entanto, ainda se apresentam como reflexão de caráter crítico em relação à atuação não apenas pelo viés religioso, mas principalmente voltando-se para os aspectos sociais e políticos.

De acordo com Squires (2007, p. 27), as primeiras organizações de comunidades em Santarém, reportam-se nos seguintes termos:

[...] começa a surgir a preocupação de valorização dos leigos como agentes ativos na Igreja, incentivada por alguns padres que vislumbravam uma renovação dentro da própria Igreja. As primeiras experiências das pequenas comunidades surgem após a primeira semana catequética da Prelazia, realizada em 1959, onde a fundamentação se dá com a formação de lideranças leigas e os círculos bíblicos.

Entretanto, as CEBs, propriamente ditas, se fortaleceram partir de 1971 em decorrência do documento episcopal de Medellín (1968), do documento de Santarém (1972), cujas prioridades eram em torno do incentivo às lideranças de base popular, em que: “a criação de comunidades cristãs de base passou a ser um dos objetivos primários” das pastorais da região amazônica (Doc. Santarém, 1972, 1) e do crescimento urbano, quando foram criadas as primeiras comunidades nos centros da cidade.

Luís Pinto Azevedo<sup>5</sup>, 44 anos de padre dedicados à diocese, sobretudo, à formação de seminaristas, padres, agentes de pastoral e lideranças leigas, afirma que o plano de pastoral da

diocese contempla muitos projetos de formação e atualmente trabalha com o ‘projeto pastoreio de comunidades’, Segundo ele, o surgimento das CEBs em Santarém está ligado ao Vaticano II, que vai de 1962 até 1965, mas está ligado, sobretudo, a Medellín, em 1968, que dá o grande impulso para as atividades pastorais em Santarém. Conforme o mesmo ratifica a propagação das CEBs nos seguintes termos:

O surgimento das CEBs em Santarém se deve ao Encontro dos bispos da Amazônia, em 1972, quando uma das suas prioridades, ao estabelecer as diretrizes para a ação pastoral da igreja na Amazônia, eram as comunidades cristãs básicas que depois passou a se chamar de Comunidades Eclesiais de Base (AZEVEDO, 2015).

Neste sentido de experiências de comunidades em Santarém, um elemento a ser considerado é que anteriormente ao espaço urbano, já havia no âmbito rural espaços denominados de *comunidades naturais*, mais tarde aperfeiçoadas ao contexto eclesial como *comunidades rurais*. Ainda de acordo com Azevedo a atuação da diocese neste período contemplava cerca de “800 comunidades eclesiais rurais, que na época se chamava de domingo sem padre, hoje chamamos de culto dominical”.

Então em nível de cidade, foi a partir de 1972, no encontro de Santarém que as CEBs se tornaram prioridade para a realidade da Amazônia, e, aos poucos, os trabalhos foram ganhando forças, “a partir dos chamados *grupos de vizinhos*, que tinham como ponto forte a região onde hoje é a paróquia do Cristo Libertador” (AZEVEDO, 2015, grifo meu).

Além dos elementos acima mencionados, para a agente de pastoral da Diocese de Santarém, Ângela Tereza, “as CEBs se tornaram prioridade a partir das Assembleias Diocesanas na década de 80, com a formação de lideranças leigas, através de cursos de capacitação e semanas catequéticas especialmente nas áreas urbanas”. Isso se justifica ao fato de que as experiências das CEBs já se manifestavam na área rural e nas áreas periféricas desde a década de 1970, conforme verificado anteriormente.

A partir destes elementos, Squires (2007, p. 29), aponta o processo de organização e atuação das CEBs em Santarém com destaque em algumas paróquias e áreas pastorais, tais como “na Paróquia São Raimundo Nonato, a área de Nossa Senhora de Fátima, na Região III, as áreas de Liberdade, Santarenzinho e Cambuquira; e na Região II, a área A, composta pelas comunidades do bairro da Interventoria e Grande Prainha”.

À época, grandes lideranças se manifestaram à frente das CEBs, que, posteriormente, pôde contar com a parceria de outras instituições locais, a exemplo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém e o Partido dos Trabalhadores<sup>6</sup>, que até então “não existia



bandeira de luta e nenhuma forma de conscientização. O que existia de fato era um grupo de apoio forte em torno da diretoria e o povo se deixava levar pelos discursos” (GERALDO, 2003, p. 9).

As CEBs, em sua maioria, foram fundadas pelas lideranças comunitárias, com predominância feminina, e contaram com apoio dos frades franciscanos que neste período exerciam forte atuação na ainda Prelazia de Santarém, que tinha à sua frente o bispo franciscano Dom Tiago Ryan<sup>7</sup>. Grande parte dos primeiros comunitários daquela época, hoje já é falecida, mas continuam mantidos vivos na história por meio dos continuadores da proposta religiosa, política e social das comunidades.

Na década de 80, depois de um longo período de ditadura militar (1964-1985), as CEBs mantiveram-se como frente de ações e reivindicações na luta por melhorias de vida para a população. A partir de então, gradativamente, foram ocorrendo mudanças na postura e na participação nos sindicatos, partido político e outros movimentos sociais. No aspecto religioso, aumentou a participação nos cursos e semanas catequéticas<sup>8</sup>, promovidos pelo setor de pastoral diocesano que aconteciam no centro de formação Emaús<sup>9</sup>.

Ressalta-se que as mudanças de época, em muito contribuíram para o processo de ressignificação dos trabalhos pastorais, políticos e sociais nas CEBs de Santarém, que, somando-se a isso, também contou com a influência negativa por parte da Igreja Romana que não enxergava com bons olhos o novo jeito de ser igreja latino-americana e de Amazônia aos moldes da Teologia da Libertação.

Além disso, com o surgimento dos novos movimentos religiosos<sup>10</sup>, no final dos anos 80 e maciçamente nos anos 90 aos dias atuais, uma nova mentalidade religiosa começa a dar rumos diferentes para as práticas pastorais e dissociá-las consideravelmente das questões políticas e sociais. Em Santarém merece destaque – e grande – o movimento Renovação Carismática Católica<sup>11</sup>, há mais de 40 anos de existência, realiza todos os anos o encontro de carnaval com Cristo denominado “Cristoval”, que acontece na região desde 1994, reunindo milhares de fiéis sob o *sopro do Espírito Santo*.

Na Diocese, de quatro em quatro anos se realiza um grande encontro de CEBs, visto como momentos muito fortes de troca de experiências das comunidades da zona urbana com zona rural, o que fortalecido muito o trabalho dos animadores de comunidades à frente do trabalho pastoral. Nesta direção, portanto, se percebe as atividades da diocese em alguns lugares, onde tem o apoio do vigário, onde tem o apoio da coordenação de pastoral, as CEBs estão bem avançadas. Mas, nos lugares que não tem esse apoio, as CEBs encontram-se bem mais enfraquecidas.

### **As CEBs da Paróquia Cristo Libertador**

O processo de organização e atuação das Comunidades Eclesiais de Base na Paróquia Cristo Libertador está interligadas ao contexto da trajetória caminhada das CEBs na Diocese de Santarém. Por isso, em termos de localização e dentro da circunscrição diocesana, a referida paróquia pertence à Área A da Região 2, que é composta por 10 bairros periféricos da cidade, cuja matriz paroquial fica no bairro da Interventoria que, desde os anos 1970 aos dias atuais, estiveram marcadas pela presença franciscana à frente do trabalho pastoral.

Fazendo um breve percurso ao bairro da Interventoria, cujo nome foi atribuído em homenagem ao então prefeito Interventor Federal, Elmano de Moura Melo, verifica-se através de relatos de alguns moradores deste bairro que “no início dos anos 70, algumas famílias oriundas do interior expulsas pelas enchentes e outras necessidades, vieram para a cidade em busca de melhores condições de vida e fixaram residência no bairro da Interventoria”, afirma a agente de pastoral Ângela Tereza. À época, conforme a mesma,

As casas eram pequenos barracos cobertos de palha com características humildes, o que retratava a situação vivida pelo povo. [...] várias pessoas já tinham a experiência de catequese em suas comunidades de origem. Algumas delas, como: dona Lelé, Ribamar e seu Milton começaram a visitar as casas, rezar o terço com as famílias, estudar a Bíblia, reunir as crianças e assim foram plantadas as primeiras sementes da catequese (ÂNGELA TEREZA, 2012).

1040

As primeiras celebrações litúrgicas aconteciam nas casas, ações que, aos poucos foram caracterizando-se como os primeiros sinais da comunidade de Cristo Libertador. Outras ações neste período se deram na organização de um Clube de Mães, que ganhou um terreno e posteriormente construiu um barracão, que no início funcionava como creche e, mais tarde, servira como escola para as crianças do bairro, com a colaboração de professoras do próprio bairro.

Em relação ao aspecto político e social, no início, os moradores dos bairros e comunidades viveram momentos bem difíceis, sem nenhuma estrutura, “os moradores não tinham casas, não tinha água nas comunidades, iluminação pública também era muito carente, até ruas dos bairros a maioria não existia e, esse momento é de muita dificuldade para o povo, escola e tudo mais”, conforme sinaliza Ângela Tereza (2015).

O sofrimento dos moradores era visível, principalmente pela falta de água no bairro, falta de iluminação, de transporte, escolas e postos de saúde nos bairros. Toda essa realidade serviu como motivação às lideranças comunitárias a tomada de consciência da necessidade de organizar as comunidades a fim de conquistarem os direitos básicos para a vida.

Desde 1973 todo o trabalho pastoral contava com o acompanhamento dos franciscanos Miguel Grawe e Miguel Kellett (in memórian). Posteriormente contou com a colaboração de outros frades, destacando-se Frei Gregório Joeright, Frei Francisco Paixão e atualmente Frei João Messias, dando continuidade, apoio e ajuda incansável nas comunidades.

O surgimento das CEBs nesta localidade fora alimentado pela realidade dos próprios bairros que se organizaram em grupos de vizinhos e conseguiram terreno para a construção de um barracão. De acordo com levantamento histórico da Comunidade Cristo Libertador, em 1976, D. Tiago Ryan, juntamente com Frei Miguelão reuniram as lideranças local para a compra de um terreno para construção da igreja na comunidade. Neste terreno fora construída a primeira igreja, em madeira, com o mutirão dos grupos existentes, sendo o local onde hoje está situada a igreja da atual paróquia, intitulada *Cristo Libertador*.

Todo o contexto acima levantado serviu para que, na década de 80, através do empenho de várias lideranças leigas, principalmente, através do trabalho da mulher na igreja, surgisse propriamente dito as Comunidades Eclesiais de Base, de modo mais aprofundado e com destaque às lutas sociais em torno da realidade precária do bairro. Por isso, precisamente, data-se o ano de 1983 como período de criação das CEBs, no sentido do termo e nomenclatura, em toda a Área A da Região 2 da Diocese de Santarém.

Hoje, há mais de 33 anos ajudando as Comunidades Eclesiais de Base a se organizarem, Ângela Teresa, na função de secretária da coordenação diocesana, afirma que “as CEBs é essa sementeira, de onde nascem as lideranças, de onde nascem os serviços pra comunidade, e é esse lugar fértil, onde a gente aprofunda e alimenta a fé e convive a partir da experiência de Deus que a gente tem na vida”.

Porém, no início a organização se dava em pequenas partes, chamadas quadras, formadas por quatro ou cinco quarteirões. Cada quadra tinha uma ou duas pessoas responsáveis de visitar as famílias pra descobrir pessoas que desejassem participar, e ajudar como animadores das atividades como preparação sacramental de pais e padrinhos, primeira eucaristia, crisma, entre outras.

As CEBs elas são assim uma espécie de base pra todo o trabalho pastoral existente. Porque é das CEBS que vem os catequistas para crianças, para os jovens e pra adultos, é das CEBs que vem os ministros, sejam ministros da palavra, sejam ministros da comunhão eucarística, todos os outros serviços (ÂNGELA TEREZA, 2015).

Neste período as CEBs também assumiram a luta do movimento social no sentido de reivindicar água, iluminação pública, as pessoas iam às ruas fazer passeata, abaixo-assinado,

caracterizando-se o papel comunitário de lutas sociais pelos direitos do povo, também inseridos na associação de moradores, juntamente com outras pessoas que não participavam da CEBs.

Verificou-se que atualmente 42 comunidades compõe a Área A da Região 2, que se reúnem nas casas, em mesmo horário, todas as quintas-feiras. Todas as comunidades são compostas por uma equipe de animação escolhida pelas próprias comunidades. Trabalham de acordo com as prioridades definidas pela diocese e a partir da realidade local, por meio de um planejamento anual realizado nas assembleias da Área. Seguem uma metodologia de planejar atuar e avaliar as ações definidas de forma coletiva.

Assim, é inegável afirmar que hoje o trabalho pastoral e social ainda seja visualizado como marcas na atuação das comunidades de base, entretanto, em menor proporção, pois, ultimamente vem passando por algumas ressignificações mediante certas dificuldades encontradas, sobretudo, no âmbito interno destas comunidades. Um dos grandes desafios percebidos é o de que a maioria das CEBs não tem conseguido atingir a juventude, fator percebido nas visitas às CEBs ou nos encontros de área ou da diocese no seu todo. Geralmente são pessoas acima dos trinta anos que estão ativamente inseridas nas CEBs, deixando uma lacuna de que, talvez a metodologia proposta por estas comunidades, não correspondam à realidade da maioria da juventude.

Outro elemento marcante é que a maioria das CEBs é composta por mulheres, algo fundamentalmente importante para delinear o papel da mulher na igreja, que sem a qual, não caminhará nas mesmas proporções. A mulher, de forma bem significativa, é que assume a frente das atividades pastorais e catequéticas na diocese. Porém, por outro lado, um fator que desponta como desafio gira em torno do machismo, marcado na pouca participação masculina nas comunidades.

Portanto, verifica-se que as comunidades da Paróquia Cristo Libertador tem passado por momentos de crises, de esfriamento, assim como outros movimentos sociais, mas há uma tentativa de retomada da importância que as CEBs têm na diocese, pois, afinal, como relata Ângela Tereza, sem as CEBs “seria fechar a igreja, são as CEBs que assumem os serviços na igreja”.

### **Considerações Finais**

Atualmente as CEBs em Santarém têm buscado se adaptar à realidade, porém, como mencionado não apresenta as mesmas expressões, principalmente nas articulações e atuações políticas e sociais. Percebe-se que as reivindicações neste campo têm sido cada vez mais

amortecidas não apenas no âmbito local, mas de forma abrangente em todo o país, estruturalmente quebrado pelas forças ideológicas de uma política neoliberal massificadora e excludente, preso ao consumo mercadológico individualista e desenfreado em detrimento das ações sociais e coletivas.

Por outro lado também, no aspecto religioso se enfrenta uma estrutura eclesial romana cada vez mais definida pela clericalização paroquial, nem sempre aberta ao acolhimento das comunidades de base. E, isto leva a inferir que a causa do pobre nas comunidades, no seu todo, precisa ser levantada como bandeira de luta em prol da vida.

Neste sentido, atualmente se evidencia que, de certa forma, houve um redimensionamento da atuação política e social das Comunidades em Santarém, pois, ao mesmo tempo em que continuam nos trabalhos comunitários, enfrenta os sérios desafios da precariedade condição de vida dos moradores, como falta de infraestrutura nos bairros, de saneamento, ruas esburacadas, falta de água, lixões, além da agravante condição climática em decorrência do crescente desmatamento na região.

Dentre as principais dificuldades que a CEBs enfrentam, portanto, ressalta-se que a falta de participação, comodismo nas lutas e reivindicações tem fortemente contribuído para certo *esfriamento* do espírito coletivo, largado em segundo plano diante das situações e necessidades de sobrevivência individuais do dia-a-dia. Torna-se preciso e necessário, portanto, maior envolvimento e articulação entre o aspecto religioso em relação às questões políticas e sociais.

1043

## **Notas:**

<sup>2</sup> Sacerdote da Arquidiocese de Belém. Especialista em História da Igreja na América Latina. Mestre e Doutor em História da Igreja pela Universidade Gregoriana – Roma.

<sup>3</sup> Um grande marco na Igreja, foi sem dúvida, o encontro dos bispos da Amazônia (23 bispos e 3 administradores apostólicos), realizado em Santarém, sede da prelazia mais antiga do Brasil, nos dias 24 a 30 de maio de 1972. Os bispos elaboraram o documento “Linhas prioritárias para a Pastoral da Amazônia” e pediram para ser estudado, meditado e colocado em prática. O documento apresenta duas diretrizes: Encarnação na realidade e Evangelização libertadora; quatro prioridades: Formação de agentes de pastoral; Comunidade cristã de base; Pastoral indígena, estradas e outras frentes pioneiras (Livro do Centenário – Diocese de Santarém, 2003, p. 39).

<sup>4</sup> Denominação ao que compreende o Estado do Pará, formado por quatorze municípios, sendo que sete desses integram a Diocese de Santarém. A parte denominada de Alto Amazonas integra a área que pertence ao Estado do Amazonas (RIBEIRO, 2012, p. 28).

<sup>5</sup> Sacerdote diocesano de Santarém. Coordenador de Pastoral. Foi diretor do Instituto de Pastoral Regional – IPAR (1976-1981 e 2003-2005). Ex-Secretário da CNBB, Regional Norte II. Pós-graduado em Ciências Religiosas em Louvain – Bélgica.

<sup>6</sup> O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém (STTR) foi criado em 1971 e reconhecido pelo Ministério do Trabalho no dia 04 de dezembro de 1973 (GERALDO, 2003, p. 9) e o Partido dos Trabalhadores (PT) a partir dos anos 80, especificamente, quando houve a pré-convenção do partido em 06 de agosto de 1983 (GERALDO, 2003, p. 22).

<sup>7</sup> Tiago Ryan nasceu em Chicago - EUA em 17/11/1912. Foi bispo prelado da então Prelazia de Santarém (1958-1979), bispo diocesano (1979-1985) e bispo emérito (1985-2002). Morreu em Chicago em 12/07/2002. (RIBEIRO, 2012, p. 31).

<sup>8</sup> As semanas catequéticas eram realizadas a cada ano. Geralmente aconteciam no centro de formação Emaús. Cada comunidade escolhia seus representantes para receberem a formação organizada pela diocese com a participação de bispos, padres e leigos.

<sup>9</sup> O centro de formação Emaús fica a 11 quilômetros do centro da cidade, localizado à Rodovia Santarém Curuá-Una.

<sup>10</sup> Essa temática é discutida com bastante ênfase na obra *Ciências Sociais e Ciências da Religião*, de Marcelo Camurça (2008), especificamente sobre o tema: novos movimentos religiosos: entre o secular e o sagrado. pp. 91-109.

<sup>11</sup> Também conhecida como RCC – considerada um modelo racionalizante na dimensão da escolha individual, da supremacia da ética sobre a magia. Isto é, o Espírito Santo como dimensão extática do bem e a magia como símbolo do mal e do demônio (CAMURÇA, 2008, p. 101).

## Referências:

Livro:

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 6. edição. São Paulo: Ática, 1998.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências sociais e ciências da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

COSTA, Ivair da Silva. **Amazônia globalizada e mensagem ético-teológica: luzes para a reflexão ecológica na Amazônia**. Santarém: Edição do Autor, 2008.

DIOCESE DE SANTARÉM. **Livro do Centenário**. Santarém: Gráfica e Editora Tiago, 2003.

GERALDO, José. **Organização, consciência e luta**. Santarém: Gráfica e Editora União, 2003.

HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja na Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

MATA, Raimundo Possidônio C.; TADA, Cecília (Org.). **Amazônia, desafios e perspectivas para a missão**. São Paulo: Paulinas, 2005.

Capítulo de Livro:

BECKER, Bertha K. Organização e conflitos na sociedade civil da Amazônia. In: MATA, Raimundo Possidônio C.; TADA, Cecília (Org.). **Amazônia, desafios e perspectivas para a missão**. São Paulo: Paulinas, 2005.

MATA, Possidônio da. A Igreja Católica na Amazônia da atualidade. In: HOORNAERT, Eduardo (Coord.). **História da Igreja na Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

Artigo:

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir.** *Estudos. avançados.* 2002, vol.16, n.45, pp. 107-121.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Comunidades “no sentido social da evangelização”:** CEBs, camponeses e quilombolas na Amazônia Oriental brasileira. *Religião e Sociedade.* Rio de Janeiro, 2010, pp. 13-37.

Tese ou Dissertação:

RIBEIRO, Ademar Santos. **A relevância da dimensão sociotransformadora na ação pastoral da diocese de Santarém.** Dissertação [Mestrado em Teologia Sistemático Pastoral na Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR]. Santarém: Editora e Artesanato Gráfico Tiagão, 2012.

SQUIRES, Zeneide Pimentel. **CEBs – novo jeito de ser Igreja.** Santarém: Instituto Esperança de Ensino Superior – IESPES, 2007.

Documentos:

Entrevista concedida por Luís Pinto Azevedo, sacerdote da Diocese de Santarém, em 07 jan. 2015.

Entrevista concedida por Ângela Tereza, agente de pastoral da Diocese de Santarém, em 27 jan. 2015.